

HOMEM MURALHA



PEDRO PIRES

O homem muralha 🕒 2



APROVEITANDO O FACTO DO PEDRO PIRES ESTAR EM LISBOA (ESTUDA EM LONDRES) E UMA FOLGA DA CHUVA ENCONTRÁMOS-NOS JUNTO AOS "SEUS HOMENS", NUMA MANHÃ FRIA. A PRIMEIRA COISA QUE O PEDRO FEZ QUANDO CHEGOU FOI INSPECCIONAR O ESTADO DAS ESCULTURAS - "ESTÃO ÓPTIMAS, ESTA PINTURA É UMA PINTURA DE AUTOMÓVEL, MUITO RESISTENTE..."

P: Quem o contactou para fazer esta obra?

R: O Bernardo Silva Pinto (arquitecto) da Parque Expo. Foi depois de uma exposição que houve na Feira de Arte em Lisboa; eu estava lá com um conjunto de peças que tinham muito a ver com este projecto, ele gostou (já conhecia o meu trabalho - eu tinha concorrido ao concurso de escultura de jovens artistas ART'S) e convidou-me para desenhar e executar estas esculturas. Na altura apresentei três ideias diferentes e eles escolheram esta porque era a mais viável - uma delas era construir um homem com 6 ou 7 metros (risos).

P: Estas figuras humanas são um elemento constante no seu trabalho...

R: Há já alguns anos - desde que acabei o curso em 2004 - que comecei a desenvolver trabalhos baseados no corpo humano e queria começar a partir de uma coisa real, ou seja, comecei do meu corpo, fiz um molde em gesso do meu próprio corpo... Não queria um corpo com movimento, com expressão - queria uma coisa estática, para a peça ser mais sobre os materiais e o que eles dizem, o que contextualizam, o que "enformam" com o corpo lá também... As minhas peças tem sido todas feitas sobre o corpo humano, sobre o mesmo molde - ele altera, muda um bocado o braço, a cabeça, mas é sempre um corpo em pé e não um corpo em movimento...



P: Pode contar-nos um bocadinho qual foi o seu percurso até aqui? Por exemplo, tem um mestrado em "tecnologia da pedra"...

R: É verdade, mas já não faço pedra há anos e anos (risos)... têm um bocado origem no Erasmus que eu fiz na Grécia - estive em Atenas durante 6 meses e na escola ainda havia muito a cultura clássica da pedra e também de construir corpos humanos em barro com modelo ao vivo e influenciou-me um bocado... na altura, quando estava lá, vi muitas obras clássicas do período helénico, etc, mas apaixonei-me mais pelos moldes das peças do que pelas próprias peças... Acho que esse gosto vem do facto de eu olhar para o molde e conseguir ver-me a mim próprio.

Eu tenho usado o corpo como molde para construir um molde em cima dele, ou seja, as peças todas têm dentro delas o espaço do meu corpo, mas no fim o que está ali já não sou eu próprio - pode ser outra pessoa qualquer... é um corpo com dois metros porque eu sou alto - mas é possível as outras pessoas verem-se lá... É como uma relação mãe/filho, o molde funciona para mim como a Mãe - eu sou a mãe e as cópias são feitas a partir de mim, dessa origem...

P: É curioso olhar para estes homens e saber que é o artista que está ali...

R: Alguns artistas fazem isso - por exemplo o Antony Gormley também usa o corpo dele, mas de um modo diferente porque ele interessa-se pela expressão...

Eu queria começar de uma coisa real, de uma coisa que existisse já, não inventar uma nova forma; ou seja, é como se o material é que fosse o "dono" desta última forma; por exemplo, tenho

uma estátua feita de taças de sopa e a forma final é o resultado de colocar as taças encostadas ao corpo e soldá-las todas - e não de uma ideia ou de um momento que eu tive de inspiração... é uma diferença grande. Tem a ver com fazer um desenho e ter um momento óptimo naquele dia e pronto, sai um desenho espectacular e nunca mais sai um desenho igual - eu não quero "não controlar" a minha obra dessa forma, incomoda-me um bocadinho...

P: Quer dizer que nunca o veremos desenhar...um cubo, por exemplo?

Pedro Pires: Eu acredito muito na força do corpo como imagem e como elemento que pode relacionar as pessoas com a obra - acredito na força de "ter um outro ali" em vez de ter um cubo, por exemplo - não quer dizer que eu não goste de ver essas obras...

P: Qual é a sensação de ter uma obra no Parque das Nações?

R: Tenho-me vindo a habituar à ideia (risos) mas no início era engraçado, porque conversava com amigos meus da faculdade - nós nessa altura vínhamos aqui ver as obras de arte do Parque e agora eu tenho aqui estas peças... Ainda não acredito bem... Eu acabei o curso em 2004 e na altura estava longe de imaginar que em 2008 teria aqui uma obra de arte pública...

P: Mas um artista gosta sempre de ser reconhecido, não é? A verdade é que o Parque funciona quase como uma feira de arte e ter o seu trabalho ao pé de artistas de grandes nomes deve ser muito bom...

R: Claro que é... Quando estava a montar as peças havia muita gente a passear, a correr e estavam já a tirar fotos às peças, eu achei engraçado e alguém comentou "já viu que amanhã vai ter as fotos das suas esculturas num blog na Finlândia e ainda está aqui a colocá-las (risos)?"

A verdade é que as peças aqui dão-me uma projecção enorme e é uma sensação ótima.

P: Qual era o outro sítio no Parque que escolheria para colocar mais uma escultura sua?

R: Neste momento eu acho que se calhar era este (risos); a sério, ainda por cima com o futuro hotel aqui... Acho piada ver-se a obra a partir de pontos diferentes e estar ali o rio...; mas achava graça ter uma peça ao lado do Antony Gormley, que é um artista que eu gosto, que tem muito a ver comigo e influenciou-me bastante... As peças eram para estar no pátio, no chão, mas como têm chapas afiadas e arestas vivas seria perigoso para as crianças ou para alguém que caísse sobre elas e optou-se por colocá-las no muro...



P: O que lhes dá um ar de palco... acabou por funcionar melhor para quem passa do lado de lá...

R: Sim, eu gosto desse efeito de muro mas também acho que se perde um bocadinho a relação mais próxima com as peças, de estar ao pé delas e sentir a sua escala real...

P: Porquê o aspecto de "armadura" das figuras?

R: A peça é sobre o indivíduo, sobre a identidade no nosso mundo actual... Eu uso o ferro, estes quadrados pequenos, como se fossem píxeis de uma foto - a minha ideia foi usar o píxel como símbolo do nosso mundo de hoje, carregado de imagens em que as pessoas também perdem um bocado a identidade e as culturas se misturam todas - é um problema actual e em Portugal também ... O píxel é o símbolo disto tudo e também do começo da revolução industrial, da fotografia e do impressionismo também.

P: Como se faz um molde do Pedro Pires (risos)? Ele próprio não faz - empresta o corpo...

R: Sim, eu sou a alma do molde, a forma, a matéria mas alguém teve o trabalho (neste caso dois amigos meus). Já pensei em várias formas de fazer um molde de mim próprio sozinho, mas é impossível (risos)...

P: Quem vigia a sua obra? O artista tem medo de abandonar a obra?

R: Venho cá de vez em quando, mas a minha responsabilidade acabou. Mas é claro que a vigilância da minha parte não acaba nunca...

Despedimo-nos. O Pedro lança um último olhar aos "seus homens" e vai. Nós que ficamos por cá temos a certeza que o voltaremos a ver, cada vez que passarmos junto ao "Homem-Muralha". Na forma das suas esculturas, claro.